

A BIOGRAFIA ENQUANTO GÉNERO HISTORIOGRÁFICO: uma possibilidade para o estudo da história do Serviço Social

MARIA ISABEL RODRIGUES DOS SANTOS

Universidade Católica Portuguesa

mirsantos@fch.lisboa.ucp.pt

Resumo

O presente artigo faz uma incursão sobre a possibilidade de aplicar o género biográfico ao estudo histórico do Serviço Social. Após mapear os (escassos) trabalhos produzidos com recurso a esta abordagem historiográfica, cuidaremos de apresentar alguns traços distintivos do género biográfico no campo disciplinar histórico, e de analisar as suas tendências mais recentes, em que se destaca: o interesse pela “biografia ordinária”; a articulação entre a trajectória individual e o contexto mais amplo em que esta se desenrola; e a apreensão dos vários planos de existência do biografado. Segue-se a formulação de uma hipótese concreta para aplicar o género biográfico ao estudo da história do Serviço Social em Portugal: a compreensão do percurso biográfico de Marie-Thérèse Lévêque, na sua articulação com o Instituto de Serviço Social de Lisboa (1935-44).

Abstract

This article makes an incursion into the possibility of applying the biographical gender to the historical study of Social Work. After mapping the (few) works produced using this historiographical approach, we take care to present some distinctive features of the biographical genre at the historical disciplinary field, and to analyze its latest trends, mainly: the interest in “ordinary biography”; the relationship between the individual trajectory and the broader context in which it unfolds; and the seizure of several existence dimensions from the biographee. Proceeds the formulation of a concrete hypothesis to apply the biographical gender to the study of Portuguese Social Work history: the understanding of the biographical journey of Marie-Thérèse Lévêque, in its articulation with the Lisbon Social Work Institute (1935-44).

O presente artigo faz uma incursão sobre a possibilidade de aplicar o género biográfico ao estudo da história do Serviço Social. Ao mapear os (escassos) trabalhos produzidos com recurso a esta abordagem historiográfica, rapidamente se depreende que a mesma não é expressiva no panorama da investigação histórica sobre o Serviço Social. Cuidaremos de apresentar alguns traços distintivos do género biográfico na área disciplinar da história, e de analisar as suas tendências mais recentes, em que se destaca: o interesse pela “biografia ordinária”; a articulação entre a trajectória individual e o contexto mais amplo em que esta se desenrola; e a apreensão dos vários planos de existência do biografado.

O artigo prossegue com a formulação de uma hipótese concreta para aplicar o género biográfico ao estudo da história do Serviço Social em Portugal: sustenta-se a existência de um potencial para a compreensão da história do Serviço Social português, a partir do percurso biográfico de Marie-Thérèse Lévêque, na sua articulação com o Instituto de Serviço Social de Lisboa (1935-44). Este objecto de estudo revela-se, simultaneamente, um fim e um meio: um fim em si mesmo, na medida em que revela uma vivência pessoal e profissionalmente rica e, por isso, historicamente interessante; mas também um meio, pois é uma janela aberta para


Palavras Chave:

Género biográfico, historiografia, história do serviço social em Portugal

...

Key Words:

Biographical genre, historiography, Portuguese social work history



aprofundar o conhecimento sobre a história do Serviço Social português e do próprio cenário histórico global em que este se insere.

Uma abordagem de investigação histórica por desbravar...


Pinheiro (2006) afirma que a expressão da biografia histórica no contexto português, ainda que limitada e tardia, está presente. Sardica (2005) salienta que este nunca foi um género historiográfico muito divulgado, sobretudo no meio académico, embora o panorama actual evidencie claros sinais de mudança. Desta forma, é compreensível que ainda não tenha sido realizado nenhum estudo sobre a história do Serviço Social em Portugal com recurso ao género biográfico. Em termos europeus, encontramos estudos desta natureza a partir do final da década de 1980, sobretudo em França, ainda que em número reduzido.

O *Réseau Histoire du Travail Social* (RHST), criado em França no ano de 1989 por Brigitte Bouquet e Christine Rater-Garcette (ambas investigadoras da história do Serviço Social francês), constitui um local de pesquisa, recursos, conhecimentos e intercâmbio, tendo por finalidade contribuir para o desenvolvimento da investigação histórica sobre o trabalho social¹. Uma das equipas constituídas no RHST tem como objecto de pesquisa as monografias biográficas de figuras que se tenham destacado durante o processo de emergência e institucionalização do Serviço Social francês, tendo até à data realizado três publicações na revista *Vie Social*, propriedade do *Centre d'Études, de Documentation, d'Information et d'Actions Sociales* (CEDIAS): “Une pionnière du service social: Marie-Thérèse Vieillot” (1988); “Aux origines du service social professionnel. Quelques figures féminines (notices biographiques)” (1993); e “Madeleine Delbrêl, assistante sociale (1931-1945)” (2008).

As biografadas destacaram-se em quatro áreas do processo de profissionalização do Serviço Social francês, designadamente, a formação, a organização legal da profissão, as associações profissionais, e a criação de serviços. A reconstrução destes percursos individuais sustentou-se, sobretudo, nas seguintes fontes: obra publicada e inédita das biografadas; correspondência e demais documentação de espólios pessoais; biblioteca pessoal das biografadas; testemunhos escritos e orais de familiares e amigos; e estudos, artigos e livros com referências à sua vida e obra entretanto publicados.

Temos ainda uma obra que compila breves estudos biográficos sobre pioneiras do Serviço Social em alguns países europeus (Alemanha, Áustria, Holanda, Lituânia, Polónia, Roménia, Rússia e Suíça): Hering, Sabine; Waaldijk, Bertheke (eds.), *History of Social Work in Europe (1900-1960). Female Pioneers and their Influence on the Development of International Social Organizations* (2003).

Por último, e já no contexto dos Estados Unidos da América, encontramos biografias históricas sobre duas figuras consideradas as fundadoras do Serviço Social, ambas publicadas pela Board of Trustees of the University of Illinois: Linn, James Weber, *Jane Addams: A Biography* (2000); e Agnew, Elizabeth N., *From Charity to Social Work. Mary E. Richmond and the Creation of an American Profession* (2004). A primeira obra é baseada nos manuscritos (publicados e não publicados), cartas e documentos pessoais de J. Addams, e no testemunho oral de um familiar




(sobrinho) que privou com a biografada durante grande parte do seu percurso de vida. Por sua vez, a biografia de M. E. Richmond compreende a análise da sua escrita profissional (livros e ensaios) e de alguma correspondência pessoal.

A biografia enquanto género historiográfico

Desde a Grécia antiga, vários foram os pensadores – entre biógrafos, políticos, filólogos, filósofos e historiadores – que debateram a relevância da biografia, não apenas como método de apreensão do conhecimento (as ideias de “razão” e “verdade”), mas também enquanto género historiográfico propriamente dito. A partir do final da II Guerra Mundial, a biografia foi sendo afastada das produções historiográficas, sendo alvo de controvérsia, mesmo no interior de correntes renovadoras como, por exemplo, a *École des Annales*. Embora esta tradição historiográfica não tivesse abandonado a produção de biografias, era perceptível uma clara demarcação deste género. Tornara-se mais interessante desvendar as regularidades dos processos sociais, do que as conturbadas e imprevisíveis histórias de vida. Preteriu-se o sujeito individual e o acontecimento, em favor das abordagens macro-orientadas, estruturais, quantitativas e de longa duração. Ao procurar afirmar a sua cientificidade, a história também se afastou da literatura. Esta proscrição da dimensão literária do discurso histórico resultou numa tendência para negar a narratividade, enquanto género adequado de exposição da escrita histórica.

A partir do final da década de 1970, abrem-se novas perspectivas epistemológicas na discussão do género biográfico. No interior das ciências sociais em geral, o regresso da biografia articula-se com a crise do paradigma estruturalista, que faz prevalecer as estruturas e as relações que, independentemente das percepções e das intenções dos indivíduos, determinam os mecanismos económicos, organizam as relações sociais e engendram as formas do discurso. No interior do saber historiográfico assiste-se a um “retorno” ao indivíduo, através da (re)valorização da acção e dos actores na história. Actualmente, como refere Sardica (2005: 21), «[...] é numa epistemologia que (re)considera a história como um discurso sobre a humanidade, e a sua escrita como uma narrativa política e humana, que ressuscitam sujeitos, acções, projectos e vontades – ou seja, protagonistas individuais, num tempo e num espaço concretos – que a biografia pode, e deve, ser acolhida e praticada.»

A (re)emergência do género biográfico na historiografia implica uma incorporação do elemento ficcional e a adopção de determinados estilos e técnicas narrativas. Porém, destacam-se algumas diferenças significativas entre as biografias produzidas por historiadores e aquelas construídas por romancistas, cineastas ou jornalistas. Em primeiro lugar, há um tratamento diferenciado das fontes de pesquisa. A historiografia, apesar das suas significativas transformações teóricas e metodológicas recentes, mantém-se fiel à tradição da crítica (interna e externa) das fontes, ou seja, à análise do texto/discurso na dualidade de objecto de significação *versus* objecto de comunicação, contemplando simultaneamente três dimensões fundamentais: o intratexto, o intertexto e o contexto. «O ‘intratexto’ corresponde aos aspectos internos do texto (...); o ‘intertexto’ refere-se ao relacionamento de um texto com outros textos; e o ‘contexto’ corresponde à relação do texto com a realidade que o produziu e o envolve.» (Barros, 2004: 137). Esta tríplice abordagem aos documentos, nem sempre presente na literatura, no cinema ou no jornalismo, permite ao historiador identificar, respectivamente, as suas condições de produção, a sua inserção numa sociedade mais ampla e a sua proveniência.




O historiador diferencia sempre, com nitidez, o seu discurso enquanto narrador da transcrição das fontes documentais. A precisão formal é privilegiada, face à fluidez da narrativa, permitindo ao leitor conhecer as informações que serviram de base para a construção do texto e cotejar as mesmas com as interpretações do autor. Contudo, Schmidt (1997: 9) realça que «alguns historiadores já demonstraram que clareza e elegância estilística não são incompatíveis com as normas técnicas exigidas pelos trabalhos académicos.»

Apesar da marcante aproximação à literatura, no discurso historiográfico a margem de invenção no género biográfico é menos dilatada. Afinal, o ofício de historiador exige um maior compromisso com sujeitos históricos concretos, que existiram na realidade e que se “revelam” no presente através dos documentos. Para além das suas qualidades estilísticas, os trabalhos produzidos nesta área devem «(...) prestar contas ao ‘tribunal de apelação da história’: o passado e seus vestígios.» (Schmidt, 1997: 12). Assim como o romancista, o historiador pode utilizar-se da imaginação, desde que esta seja explicitada ao leitor e balizada pelas fontes disponíveis, e desde que não despreze a memória do biografado e da sua família. Este último aspecto, de natureza subjectiva, remete para várias discussões sobre a produção do conhecimento histórico, situadas na interface entre história e ética.

O retorno da biografia, pelo menos no âmbito da história, não significa o simples retomar de um género “velho”. Insere-se, isso sim, num processo de profunda transformação das bases teórico-metodológicas da disciplina, revelando enormes potencialidades, ao mesmo tempo que levanta um sem número de desafios. O género biográfico é «(...) tão completo quanto complexo e tão fecundo quanto ambíguo» (Sardica, 2005: 21).

Uma primeira característica que marca as biografias históricas produzidas recentemente diz respeito à “escolha dos personagens biografados” (Schmidt, 1997). Os biógrafos tradicionais, na sua maioria, voltavam-se para homens a quem se atribui o “fazer da história”, os “grandes vultos”, as elites. Na historiografia actual verifica-se um maior interesse pelo “homem comum”, pela “gente miúda”. «Alguns estudos biográficos mostraram que um indivíduo medíocre, destituído de interesse por si mesmo – e, justamente por isso, representativo – pode ser pesquisado como se fosse o microcosmo de todo um estrato social, num determinado período histórico.» (Ginzburg, 1987: 27). Além disso, a realização de uma “biografia ordinária” permite ao investigador analisar os espaços de exercício da liberdade, possíveis numa determinada sociedade. Como escreveu Levi (1989: 1333-1334): «nenhum sistema normativo é, de facto, suficientemente estruturado para eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou interpretação das regras, de negociação. Parece-me que a biografia constitui, nesse sentido, a abordagem ideal para se verificar o carácter intersticial – e, ainda assim, importante – da liberdade que as pessoas dispõem, assim como para se observar a maneira como funcionam concretamente os sistemas normativos, que nunca estão isentos de contradições.»

Uma segunda diferença entre as tradicionais e as novas biografias refere-se aos objectivos a que estas se propõem (Schmidt, 1997). As primeiras procuravam, em regra, louvar ou denegrir os personagens enfocados, apresentando as suas vidas aos leitores como modelos de conduta positivos ou negativos. Já os trabalhos recentes procuram fugir deste viés apologético, recor-



rendo ao biografado para estabelecer uma articulação entre a trajectória individual e o contexto mais amplo em que esta se desenrola.

Outra das novas tendências do género biográfico é o seu objectivo central, que passa pelo desvendar dos múltiplos fios que articulam um indivíduo ao seu contexto. No campo do conhecimento histórico, e das ciências sociais em geral, esta relação indivíduo/sociedade não constitui um problema propriamente novo. Na maioria das vezes, os autores enfatizavam um dos pólos da relação: homem ou contexto, sujeito ou estrutura, voluntarismo ou determinismo, liberdade ou necessidade. Actualmente, um número significativo de historiadores procura reflectir na articulação entre as trajectórias individuais e os contextos nos quais estas se concretizaram, «(...) sem cair no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais, do tipo ‘os grandes vultos’), nem na determinação estrutural estrita (como nas análises marxistas ortodoxas).» (Schmidt, 1997: 15). Na tentativa de recuperar a tensão (e não a oposição) entre o individual e o social, a biografia revela-se um importante mecanismo de entendimento das liberdades de escolha individuais, mesmo que restritas dentro do contexto normativo, que não é absoluto, mas sim contraditório e por vezes incoerente, abrindo espaços para as estratégias de acção dos agentes históricos.

A forma de construção da narrativa biográfica é outra questão que tem ocasionado várias discussões no campo historiográfico da actualidade (Schmidt, 1997). Em meados da década de 1980, Bourdieu, num artigo intitulado “A ilusão biográfica”, criticou o pressuposto, presente na maior parte das biografias, de que «(...) a vida constitui um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma ‘intenção’ subjectiva e objectiva, de um projecto (...).» (cit. in Amado e Ferreira, 1996: 184). O problema está na construção de uma coerência *a posteriori*, na qual a trajectória dos sujeitos históricos aparece segundo uma ordem de factos organizados, guiados por uma lógica unidireccional desde o começo (o nascimento ou o momento em que se inicia a “parte interessante” da vida do sujeito) até ao final da narrativa.

Tendo a identidade do sujeito biografado um carácter fragmentário, compete ao historiador a complexa tarefa de apreender o todo essencial do sujeito da descrição, e representar a descontinuidade de uma vida através de uma narrativa histórica não linear. Ao invés de procurar uma coerência linear e fechada para vida do indivíduo estudado, o biógrafo-historiador deve procurar apreender o maior número possível de planos da existência daquele, «(...) transitando do social ao individual, do consciente ao inconsciente, do público ao privado, do familiar ao político, do pessoal ao profissional, e assim por diante, sem tentar reduzir todos os aspectos da biografia a um denominador comum.» (Schmidt, 1998: 12).

Uma biografia histórica representa ainda um desafio do ponto de vista do acesso às fontes (documentais e orais), sobretudo quando o historiador lida com personagens cuja vida se desenvolveu em grande parte na clandestinidade. Por vezes, há planos da existência do biografado em que o silêncio da documentação encontrada não permite enunciar outra coisa senão os níveis de desconhecimento, propostos à fecundidade possível da reflexão a prosseguir com base em “fragmentos”. Conforme refere Sardica (2005: 22), «(...) estudar uma personagem histórica é uma tarefa para a qual não há – nem nunca poderá haver – nenhum sistema nem nenhum método científico prescritos. (...) Requerendo descrição e compreensão, evidência documental e interpretação, narração e imaginação, fazer uma biografia assemelha-se muito

a fazer um *puzzle*: trata-se de descobrir e encaixar peças várias para uma imagem de conjunto que, afinal, permanecerá sempre incompleta.».

Sobre um campo de aplicação do género histórico-biográfico: Marie-Thérèse Lévêque e o Instituto de Serviço Social de Lisboa (1935-44)²

Vários são os autores que realçam a influência do Serviço Social francês na formação das primeiras assistentes sociais portuguesas, destacando a figura de Marie-Thérèse Lévêque, na qualidade de primeira directora técnica desta escola (1935-44). Não obstante afirmações como «[...] a inexistência de Assistentes Sociais em Portugal, levou a que ambas as escolas [Instituto de Serviço Social de Lisboa e Escola Normal Social de Coimbra] recrutassem técnicos franceses que assumiram as direcções, imprimindo nos seus programas o cunho das experiências e das técnicas das escolas francesas.» (Bernardo; Martins, 1987: 36), «[...] [o Instituto de Serviço Social de Lisboa] redonda numa aderência aos programas das escolas católicas francesas.» (Bernardo, 1991: 19), ou ainda «na segunda metade da década de 50 a formação em Serviço Social no nosso país era ainda uma formação de natureza filosófica, jurídica e paramédica na tradição médico-social de origem francesa que marcou a orientação da Escola [Instituto de Serviço Social de Lisboa].» (Branco et al., 1992: 72), em verdade ainda não foi realizado um estudo aprofundado sobre as correntes específicas do Serviço Social francês, ou quaisquer outras, que tenham influenciado a construção do ensino no Instituto de Serviço Social de Lisboa e, respectivamente, na formação e exercício profissional das primeiras assistentes sociais formadas naquela escola³.

Setenta e cinco anos se passaram após a chegada de Marie-Thérèse Lévêque a Portugal, em 1934/35, e ainda muito pouco se sabe sobre aquela que foi a primeira directora técnica da escola que encetou o ensino do Serviço Social em Portugal. Ao contrário do que acontece com algumas pioneiras do Serviço Social suas contemporâneas, sobretudo francesas, nunca teve o seu biógrafo.

Em Portugal dispomos de um conjunto restrito de referências à vida de Mlle. Lévêque, replicadas em artigos publicados sobre a história do Serviço Social português, e em dissertações de mestrado e teses de doutoramento que versam sobre essa temática. Essas referências resumem-se à informação contida nas seguintes citações, extraídas de um artigo publicado em 1991 na revista *Intervenção Social*, edição do Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa: «[...] Dada a ausência em Portugal de alguém com formação profissional em Serviço Social e de programas curriculares, foi contactada a ‘Union Catholique des Services de Santé et des Services Sociaux’ de Paris, que enviará a técnica da empresa Citroën, Mlle. Marie-Thérèse Lévêque para instalar a escola e formar pessoal dirigente português que assuma posteriormente a direcção do Instituto [de Serviço Social de Lisboa].» (Bernardo, 1991: 18-19).

Com a leitura deste excerto afiguram-se, desde logo, algumas questões: quem contactou Marie-Thérèse Lévêque para ensinar e dirigir tecnicamente (n)uma escola de serviço social portuguesa? Que qualidades e carecterísticas congregaria, enquanto pessoa e profissional, para que a considerassem capaz e competente no exercício de tais funções? Em que “redes” sociais

(católicas ou outras; nacionais ou internacionais) se movimentava, para lhe ter sido dirigido esse convite, aceitando vir para Portugal no contexto dos anos 30? E, ainda, em que trâmites foi realizado o convite?

O mesmo texto prossegue, desvelando o ano de nascimento de Mlle. Lévêque e algumas pistas sobre o seu percurso de formação e de exercício profissional em França: «a Sr.^a D. Maria Teresa Levêque nasceu em França em 1901, tendo portanto 34 anos [em 1935] [...]. [...] Fez em França os seus estudos e lá obteve sucessivamente os diplomas de Enfermeira da Cruz Vermelha, o de ‘Intendente de Fábricas’ e o diploma de Serviço Social, foi terminar como aluna delegada, a sua formação mental e profissional, no *Bedford College for Women*, da Universidade de Londres onde seguiu um curso internacional de Serviço Social.» (Bernando, 1991: 19).

Não será ousado depreender ou, ao menos, formular como hipótese, que este percurso individual tenha influenciado a construção do ensino no Instituto de Serviço Social de Lisboa e, conseqüentemente, na formação e no exercício profissional das primeiras assistentes sociais portuguesas formadas nessa escola. Menos imediata é a tentativa de compreender o “tipo de influências” e o “modo como” se manifestaram na escola e nas alunas. Este entendimento é apenas tangível com a resposta a outro conjunto de interrogações: quais os traços distintivos da formação e exercício profissional de Mlle. Lévêque? Ou seja, como estava organizada a formação nos vários cursos que frequentou? Que correntes de pensamento se cruzavam com esse percurso formativo? Qual o trabalho desenvolvido por Mlle. Lévêque na *Société anonyme André Citroën* e noutros locais onde tenha, eventualmente, exercido actividade profissional ou acção voluntária?

Uma das prioridades do Centro de Estudos de Serviço Social da Universidade Católica Portuguesa tem sido, desde 2005, a recolha de relatos de vida de várias gerações de assistentes sociais portuguesas. Neste contexto, foi possível entrevistar a Dr.^a M.^a Helena Beltrão, pertencente ao primeiro grupo de assistentes sociais formadas pelo Instituto de Serviço Social de Lisboa, corria o ano de 1938. Por entre a riqueza da informação coligida, surgem pistas inéditas sobre Mlle. Lévêque:

Mlle. Lévêque, antes de vir para Portugal, foi professora num curso de Serviço Social em Paris (Beltrão, 2005: 6).

Penso que foi a Condessa de Rilvas que convidou, ou pelo menos contribuiu, para que fosse contratada a primeira directora técnica do Instituto de Serviço Social [de Lisboa] e essa foi a primeira assistente social a pisar o solo português, Mlle. Marie-Thérèse Lévêque. Foi a grande impulsadora e dinamizadora do serviço social português (Beltrão, 2005: 2).

Antes de começar o curso de serviço social, Mlle. Lévêque visitou rapidamente Portugal e constatou quais eram as maiores necessidades, e percebeu como deveria actuar o serviço social nesse contexto. Foi ela que fez essa primeira conferência a que eu assisti. Depois disso foram feitas outras conferências. Estas conferências eram dirigidas a raparigas (de início no curso só havia alunas), contudo destinava-se também a um público maior. Quando decidi ir à conferência, aceitei-a como um desafio. Era ao lado do Patriarcado, no número 43 (pertencia à mesmo ao Patriarcado), nos Mártires da Pátria. [...] A informação da conferência chegou através de um convite da JEC [Juventude Escolar Católica] em 1934. O Instituto iria arrancar pouco depois, com o primeiro curso em 1935. [...] No final de cada palestra, que eram todas proferidas por Mlle. Lévêque em francês (o que dificultava o acesso, até porque os contactos pessoais eram todos feitos com ela. Havia a direcção mas ela era a pessoa que sabia... os outros não estavam tão por dentro do espírito do serviço social) havia duas pessoas que

tomavam nota, inscreviam pessoas do público que queriam falar pessoalmente e individualmente com ela (Beltrão, 2005: 3-4).

Nesta relação entre “memória” e história, emergem novas questões de investigação: em que escola de Serviço Social francesa leccionou Mlle. Lévêque? Em que redes sociais sucedia, em Portugal, a divulgação do curso de Serviço Social e a captação de alunas? Como se construiu o plano geral de estudos do Instituto de Serviço Social de Lisboa? Qual a importância e o papel de Mlle. Lévêque nestes processos?

Do discurso da entrevistada sobressaem ainda pistas sobre as funções de Mlle. Lévêque no Instituto de Serviço Social de Lisboa, a delimitação progressiva do campo profissional do Serviço Social português, e a influência de iniciativas de intervenção social francesas na formação e exercício profissional das primeiras diplomadas naquela escola:


A gestão do curso era feita por Mlle. Lévêque, que também dava aulas de serviço social. [...] Penso que isso é que foi a inteligência da Mlle. Lévêque: estudou o meio. Ela passava a vida a visitar sítios para saber como é que as coisas se passam cá [em Portugal] e a partir daí fazer as cadeiras [do curso] (Beltrão, 2005: 6,10).

Nós, enquanto alunas, e em conjunto com Mlle. Lévêque, fomos delimitando qual era o campo de actuação do serviço social, principalmente na área dos hospitais e dos serviços de saúde. [...] Mlle. Lévêque tinha muita esperança no serviço social de grupo e comunidade em trabalho rural. Mlle. Lévêque andou por Portugal, foi à província e constatou a necessidade de actuar nessa área (Beltrão, 2005: 6, 12).

Durante o curso tínhamos uma cadeira de serviço social, dada só por Mlle. Lévêque. Baseava-se no seu trabalho anterior, do que conhecia do serviço social e ela também já tinha trabalhado numa escola de serviço social. Mlle. Lévêque, nas aulas, falava-nos da realidade francesa. [...] Eu estive num Centro (relacionado com hospitais) em França... era o Croix Saint Simon. Estive lá antes da guerra de 1939, deve ter sido em 1938/39. A Mlle. Lévêque é que me encaminhou para lá, para eu ter um contacto com o serviço social francês (Beltrão, 2005: 11, 14).

Este testemunho directo também expressa a “memória” marcante que Mlle. Lévêque imprimiu numa aluna, e provavelmente noutras pessoas com quem se cruzou, contribuindo para captar o relevo histórico daquela figura.

Estudar o percurso da primeira directora técnica do Instituto de Serviço Social de Lisboa, é situar a reflexão e o conhecimento de um determinado período no cruzamento de Mlle. Lévêque e dos grupos em que participou, ou dos quais se distanciou, bem como avaliar a sua percepção dos acontecimentos seus contemporâneos, compreendendo-se assim alguns aspectos do modo como o Serviço Social se foi articulando no todo social. Trata-se, antes de mais, de verificar como uma mulher, evoluindo no seio do Serviço Social em construção no interior de duas sociedades – francesa e portuguesa –, nos pode elucidar sobre a pluralidade de dimensões que atravessaram o Serviço Social em Portugal, e apontar questões centrais que marcaram esse período da história no nosso país (1935-44), particularmente ao nível social e das mentalidades, considerando os contornos políticos desse mesmo contexto.



O mesmo não equivale, como assinala Ferreira (2007: 40), a «[...] desenvolver uma reflexão tautológica em que o contexto explique o homem que, por seu lado, serve para explicar o contexto; ou que a explanação da sua actividade, centrando-se na sua singularidade, reduza a complexidade do personagem e do conjunto da temporalidade história que lhe é específica.». Por isso se pretende a articulação entre três conjunturas: o contexto nacional e francês mais abrangente, as dinâmicas intrínsecas à institucionalização do Serviço Social português, e o itinerário formativo e profissional de Mlle. Lévêque. Contraindo-se à perspectiva essencialista, esta abordagem do género biográfico vai ao encontro da perspectiva de análise sócio-histórica do Serviço Social (Iamamoto e Carvalho, 2000; Baptista, 2001; Mayer, 2002; Morales e Sheefor, 2002; Bouquet e Rater-Garcette, 2005; Le Bouffant e Guélamine, 2005).

A perspectiva essencialista, enquanto estratégia de análise histórica, pensa o Serviço Social como uma entidade definida a partir de atributos profissionais particulares e situada numa posição de exterioridade por relação à sociedade, numa visão voluntarista da história. Iamamoto e Carvalho (2000: 15-16), numa crítica a esta perspectiva, afirmam que «[...] reduzir [a pesquisa histórica sobre o Serviço Social] à análise dos seus elementos constitutivos ‘internos’ – que, supostamente, peculiarizam à profissão um perfil específico: seu objecto, objectivos, procedimentos e técnicas de actuação, etc. – significa extrair, artificialmente, o Serviço Social das condições e relações sociais que lhe dão inteligibilidade e nas quais se torna possível e necessário.». A ausência desta premissa numa investigação histórica sobre o Serviço Social pode levar a que «[...] o principal eixo interpretativo seja o estudo escrito dos factos e dos actores no seu encadeamento cronológico.» (Baptista, 2001: 67).

Já a perspectiva de análise sócio-histórica implica entender o Serviço Social como uma produção histórica, em que o dinamismo da estrutura do pensamento dos assistentes sociais resulta não apenas das suas contradições internas, mas também das dinâmicas estruturais mais amplas que o englobam – políticas, económicas e culturais. Assim, temos que «[...] a construção de um *corpus* profissional não se faz autonomamente; a sua génese e dinâmica se relacionam com o processo histórico: os elementos que são próprios do Serviço Social têm uma dinâmica interna, uma vida histórica e social, que está directamente relacionada à dinâmica da constelação das relações sociais dos grupos com os quais opera, com os problemas que se colocam aos seus profissionais na época estudada e com as transformações que sofrem as próprias estruturas desses problemas.» (Baptista, 2001: 66). Sob esta perspectiva, uma análise histórica do Serviço Social terá um carácter compreensivo, no que diz respeito à apreensão da estrutura do complexo de pensamento e da acção dos assistentes sociais, e um carácter explicativo em relação à estrutura pensamento, problemas e iniciativas de ajuda social organizada, existentes em cada época.

Em termo de conclusão, sustenta-se a existência de um potencial para a compreensão da história do Serviço Social português, a partir do percurso biográfico de Marie-Thérèse Lévêque, na sua articulação com o Instituto de Serviço Social de Lisboa. Este objecto de estudo revela-se, simultaneamente, um fim e um meio: um fim em si mesmo, na medida em que revela uma vivência pessoal e profissionalmente rica e, por isso, historicamente interessante; mas também um meio, pois é uma janela aberta para aprofundar o conhecimento sobre a história do Serviço Social português e do próprio cenário histórico global em que este se insere. Todavia, nesta tentativa de articular o “individual” e o “social”, a biografada jamais será capaz de es-

gotar o contexto e, num sentido diametralmente oposto, o contexto não conseguirá explicar todas as suas acções.

Referências

- Agnew, Elizabeth N. (2004). *From Charity to Social Work. Mary E. Richmond and the Creation of an American Profession*. Illinois: Board of Trustees of the University of Illinois.
- Amado, Janaína e Ferreira, Marieta de Moraes (1996). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Baptista, Myriam Veras (2001). *A Investigação em Serviço Social*. Lisboa / São Paulo: CPIHTS / Veras Editora.
- Barros, José D'Assunção (2004). *O Campo da História. Especialidades e Abordagens*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Bernardo, Alfredo Henriquez (1991). Gênese, emergência e institucionalização do serviço social português. O Instituto de Serviço Social de Lisboa. *Intervenção Social*, 5-6: 9-20.
- Bernardo, Alfredo Henriquez e Martins, Alcina M.^a de Castro (1987). O serviço social português. Da sua gênese e emergência. *Estudos e Documentos*, especial: 1-53.
- Bouquet, Brigitte e Rater-Garcette, Christine (2005). *Assistante Sociale Aujourd'hui*. Paris: Maitoine.
- Branco, Francisco et al. (1992). A construção do conhecimento no serviço social em Portugal na década de 60. *História do Serviço Social Português*, 3. Lisboa: ISSSL.
- Entrevista com a assistente social M.^a Helena Beltrão* (2005). Lisboa: CESSS/NDHSSP.
- Ferreira, António Matos (2007). *Um Católico Militante diante da Crise Nacional. Manuel Isaías Abúndio da Silva (1874-1914)*. Lisboa: CEHR/UCP.
- Ginzburg, Carlo (1987). *O Queijo e os Vermes. O Quotidiano e as Ideias de um Moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Hering, Sabine e Waaldijk, Berteke (eds.) (2003). *History of Social Work in Europe (1900-1960). Female Pioneers and their Influence on the Development of International Social Organizations*. Opladen: Leske und Budrich.
- Iamamoto, Marilda e Carvalho, Raul de (2000). *Relações Sociais e Serviço Social no Brasil. Esboço de uma Interpretação Histórico-metodológica*. São Paulo: Cortez.
- Le Bouffant, Chantal e Guélamine, Faïza (2002). *Guide de l'Assistante Sociale*. Paris: Dunod.
- Levi, Giovanni (1989). Les usages de la biographie. *Annales E. S. C.*, 6: 1325-1336.
- Linn, James Weber (2000). *Jane Addams. A Biography*. Illinois: Board of Trustees of the University of Illinois.
- Martins, Alcina M.^a de Castro (1999). *Gênese, Emergência e Institucionalização do Serviço Social Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mayer, Robert (2002). *Évolution des Pratiques en Service Social*. Québec: Gaëtan Morin Éditeur.
- Morales, Armando e Sheafor, Bradford (2002). *The Many Faces of Social Workers*. Toronto: Thompson Educational Publishing.
- Pinheiro, Magda (2006). A biografia em Portugal. Uma agenda. *Ler História*, 50: 67-80.
- Sardica, José Miguel (2005). *Duque de Ávila e Bolama. Biografia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Schmidt, Benito Bisso (1997). Construindo biografias... historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Estudos Históricos*, 19: 3-21.

Schmidt, Benito Bisso (1998). Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. *Comunicação apresentada no XXII Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais*. Caxambu, Outubro de 1998.

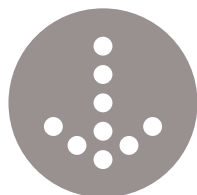
Vie Sociale, 10-11 (1998). Une pionnière du service social: Marie-Thérèse Vieillot.

Vie Sociale, 3-4 (1993). Aux origines du serve social professionnel. Quelques figures féminines (notices biographiques).

Vie Sociale, 3 (2008). Madeleine Delbrêl, assistente sociale.

Notas

- 1 A expressão «trabalho social» em Portugal tem a mesma significação que na tradição francesa (travail social), referindo-se ao conjunto de profissões da área social, tais como o Serviço Social (profissão exercida, exclusivamente, por assistentes sociais), a Educação Social, a Animação Sociocultural, entre outras.
- 2 O objecto de investigação enunciado, bem como as pistas de pesquisa suscitadas e as fontes citadas, integram a tese de doutoramento em Serviço Social, em fase de construção, da autora do presente artigo.
- 3 Contrariamente ao realizado na segunda escola de Serviço Social mais antiga de Portugal, a Escola Normal Social de Coimbra (1937), que foi objecto de uma tese de doutoramento, mais tarde publicada (Martins, Alcina M.^a de Castro, *Génese, Emergência e Institucionalização do Serviço Social Português*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999) e cujo estudo privilegiou, entre outros aspectos, as influências que a Escola recebeu nos primeiros anos de ensino por via de correntes do Serviço Social anglo-saxónico e franco-belga e, inclusive, da sua primeira directora, a francesa Constance Davon.



Peer Review Process

Recepção artigo | 15/12/2010

Paper reception

Admissão artigo | 31/01/2010

Paper admission

Arbitragem anónima por pares | 23/03/2011 – 23/04/2011

Double blind peer review

Aceitação artigo para publicação | 29/04/2011